



Eleições a Distância A Imagem dos Pré-candidatos à Presidência na Periferia de Goiânia¹

Kaíque AGOSTINETI²
Luiz Eduardo ROSA²
Rafael FREITAS²
Luiz SIGNATES³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo expõe os resultados obtidos através de pesquisa em campo sobre a imagem dos pré-candidatos à presidência da república na periferia de Goiânia. Após breve reflexão sobre o conceito de imagem pública, estabeleceu-se uma metodologia de entrevistas e análise dos dados para construir, qualitativamente, o perfil de cada pré-candidato, a saber, José Serra, Dilma Roussef, Ciro Gomes, Marina Silva e Aécio Neves. Também se analisou a imagem que a periferia tem do político em geral e do político ideal, comparando-as a dos pré-candidatos. Realizaram-se entrevistas em três bairros de diferentes regiões de Goiânia, Parque Oeste Industrial, Jardim Mariliza e Atalaia Village.

PALAVRAS-CHAVE: imagem pública; política; periferia

O ano de 2010 é um ano eleitoral em que vão ser eleitos deputados federais e estaduais, senadores, governadores e o presidente da república. Os meios de comunicação e os partidos políticos já estão há algum tempo articulando e divulgando pesquisas eleitorais. Alguns nomes vêm sendo cotados para a disputa presidencial do ano que vem, são eles: o atual governador de São Paulo, José Serra; a Ministra da Casa Civil, Dilma Roussef; o deputado federal pelo Ceará, Ciro Gomes; a senadora pelo Acre, Marina Silva; e o governador de Minas Gerais, Aécio Neves.

Neste trabalho propôs-se pesquisar a imagem que os moradores da periferia de Goiânia constroem desses pré-candidatos. Este artigo aborda o conceito de imagem

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Estudantes de Graduação 6º. Semestre do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, emails: kaiqueagostineti@hotmail.com; luiigithefirst@hotmail.com; rafaelfsc@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Facomb-UFG, email: signates@uol.com.br



pública segundo Wilson Gomes, e descreve a metodologia utilizada para a aplicação da teoria ao objeto de nossa pesquisa. Em seguida, são expostos os resultados da pesquisa, realizada através de entrevistas semi-estruturadas com os moradores de três bairros da periferia da cidade.

1. O Conceito de Imagem Pública

'Não basta ser honesto, tem de parecer honesto.' O ditado sintetiza uma parte da dinâmica política atual, aquela em que o eleitor se faz presente. A honestidade ainda poderia ser substituída por outro quesito de avaliação de um político por parte de seus eleitores; competência, força, bondade. A necessidade de 'parecer' evidencia como a Imagem Pública desempenha um papel fundamental na política, configurando-se num instrumento de legitimação do poder. Para Wilson Gomes, a disputa nas democracias atuais se converteu em luta pela imposição dessas imagens.

Diferentemente de atletas e artistas que se tornam imagens públicas devido às qualidades que demonstram em suas atividades, os políticos são 'julgados' pela opinião pública com parâmetros que não se baseiam na legitimação pelo desempenho. De acordo com Gomes, os eleitores não votariam em projetos, idéias e propostas, mas nas imagens públicas formadas por qualidades pessoais e simbólicas do candidato, ou mesmo do partido.

O conceito de Imagem Pública foi trabalhado por Maria Helena Weber como uma imagem conceitual resultante da síntese de imagens abstratas (construídas por processos mentais a partir do real) e imagens concretas (representações acessadas através dos sentidos). A imagem pública se distingue das duas formas anteriores, mas necessita combinar as imagens materiais veiculadas pelos meios de comunicação com as imagens psíquicas elaboradas pelo público para se constituir.

No âmbito da política a construção da Imagem Pública se divide em três fases. A primeira delas é a produção da imagem, realizada pelo candidato, pela mídia e pelo público, nessa ordem. O candidato, sua personalidade, seu desempenho individual, seus discursos, os fatos da sua vida geram uma imagem primária que posteriormente é trabalhada pela mídia e pelo marketing político para ganhar visibilidade social. Finalmente, a recepção individual do público sintetiza a imagem do candidato. A pesquisa aqui relatada foca esta fase de construção da imagem pública, especificamente a recepção individual do público.



A segunda fase do processo de construção das imagens se dá durante as disputas políticas visando o ajuste da imagem do candidato aos perfis ideais e às expectativas do seu eleitorado. A pesquisa trabalhou com os entrevistados o perfil do político ideal, que é conceitualmente definido por Gomes como *“tão somente o conjunto de propriedades que um público considera dever existir em uma pessoa ou instituição para que seja capaz de cumprir adequadamente determinada função real.”* (GOMES, 2004: 274).

A terceira fase da construção da Imagem Pública é a administração da imagem, que consiste no seu controle e gerenciamento, às vezes em tentativas de amenizar ruídos produzidos pelo emissor, na primeira fase de criação da imagem. A segunda e a terceira fase concentram-se nos períodos eleitorais, enquanto a primeira é constantemente processada, principalmente em políticos mais conhecidos e atuantes.

2. O Objeto de Estudo

No ano de 2010 serão realizadas eleições no Brasil e os nomes de alguns políticos já são cotados para disputar o cargo de presidente da república. Esse artigo objetiva construir a imagem dos pré-candidatos que já aparecem em jornais e revistas, na visão dos moradores da periferia de Goiânia, capital do Estado de Goiás.

A escolha pelos nomes dos pré-candidatos pesquisados neste trabalho se deu pela relevância que estão tendo nas pesquisas de intenção de voto e nos noticiários dos meios de comunicação. O primeiro pré-candidato escolhido foi o governador do estado de São Paulo, José Serra do PSDB. José Serra tem 67 anos, é economista e natural da cidade de São Paulo. Já foi deputado federal, senador e ministro do Planejamento e Orçamento. Foi ministro da Saúde no governo de Fernando Henrique Cardoso e se elegeu prefeito de São Paulo em 2004, e governador do estado em 2006. Disputou as eleições presidenciais de 2002, perdendo para Lula no segundo turno.

O segundo pré-candidato trabalhado na pesquisa foi a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, do PT. Dilma tem 62 anos, é economista, natural de Belo Horizonte. Ela atuou em grupos socialistas que lutavam contra a ditadura e foi secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul. Em 2003, no governo Lula, assumiu o ministério de Minas e Energia e, posteriormente, o cargo de ministra-chefe da Casa Civil, em substituição a José Dirceu.

Ciro Gomes, do PSB, é outro pré-candidato pesquisado. O deputado federal pelo Ceará tem 52 anos, e é natural do interior de São Paulo, mas fez carreira política no



Ceará, onde já foi prefeito de Fortaleza e governador, em 1988 e 1990 respectivamente. Foi ministro da Integração Nacional no primeiro mandato do governo Lula. Ciro Gomes já disputou as eleições presidenciais duas vezes, em 1998 e em 2002, nas duas vezes, eliminado no primeiro turno.

Outro pré-candidato pesquisado foi o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, com 49 anos, formado em economia e filiado ao PSDB. Mineiro, neto do político Tancredo Neves, Aécio já foi quatro vezes deputado federal, presidindo a Câmara no biênio 2001-2002. Foi eleito governador de Minas em 2002 e reeleito em 2006, com grande parcela dos votos.

Por fim, a senadora pelo Acre, Marina Silva, do PV, também foi pesquisada. Marina Silva está com 51 anos, é ambientalista, pedagoga e formada em História. Foi vereadora em Rio Branco, e senadora pela primeira vez em 1994. Em 2003, Marina Silva, então no PT, foi ministra do Meio Ambiente do governo Lula, cargo de que se demitiu em 2008, voltando para o Senado. Em agosto de 2009, Marina Silva anunciou sua saída do PT, filiando-se ao Partido Verde, alegando dar prioridade às políticas de desenvolvimento sustentável.

Uma pontuação que deve ser feita é que esse trabalho considera a periferia como um local geográfico, afastados dos centros econômicos e políticos, com problemas de acesso e infra-estrutura, mas não relacionado completamente com a dicotomia riqueza ou pobreza. Alguns entrevistados dos bairros analisados possuem nível superior de educação e profissões como professores e psicólogos, o que impossibilita dizer que a periferia está completamente vinculada à classe C ou D.

O lócus dessa pesquisa foram três bairros em regiões periféricas diferentes da cidade de Goiânia. O primeiro bairro é o setor Parque Oeste Industrial, na Região Oeste. O segundo bairro pesquisado foi o Jardim Mariliza, Região Sudeste da capital, e finalmente, foram realizadas entrevistas no setor Atalaia Village, Região Norte de Goiânia. Para construir a imagem que os moradores desses locais têm dos pré-candidatos, foi aplicada a metodologia exposta a seguir.

3. A Metodologia de Pesquisa e Análise

A presente pesquisa foi construída basicamente em três etapas. A primeira foi a de obtenção dos dados que ajudaram a explorar melhor o tema deste artigo, ou seja, a imagem dos pré-candidatos à presidência da República em 2010, na periferia de



Goiânia, estado de Goiás. Para isso, foi escolhida a técnica de entrevista em uma abordagem qualitativa, entendendo-a como a mais apropriada e fornecedora de material de análise para a construção dessa imagem.

Dado o primeiro passo, dentro da etapa inicial, foram definidos quais bairros seriam pesquisados e o número mínimo de entrevistados em cada região. Nesse ponto, houve a primeira discussão conceitual do trabalho, com a dificuldade de se estabelecer o que era periferia. Ela poderia ser o espaço imaginário, de armazenamento da pobreza, ou ainda uma localização geográfica distante dos centros políticos e econômicos. A segunda opção foi escolhida, por parecer um local mais atraente, que despreza as condições econômicas, mas que ainda as engloba.

Definido o conceito de periferia, passou-se então aos Bairros pesquisados. Foram escolhidos o Parque Oeste Industrial, Jardim Mariliza e Atalaia Village, localizados em regiões distintas da cidade. O número mínimo de entrevistados por bairro foi de oito pessoas, em proporção de metade homens e metade mulheres, e de um jovem, para dois adultos e um idoso. As quantidades de entrevistas poderiam ser maleáveis, desde que o número de mulheres fosse maior ou igual ao número de homens, para obedecer à percentagem de eleitores, em que é maior o número de mulheres.

A escolha dos nomes dos pré-candidatos abordados nesse trabalho se deu em relação aos nomes que se encontravam em circulação na mídia no momento. Assim, definiu-se que seriam trabalhadas as imagens de José Serra, Dilma Rousseff, Ciro Gomes, Marina Silva e Aécio Neves.

Ainda dentro da primeira etapa, construiu-se o roteiro das entrevistas. As perguntas iniciais não tinham nenhum tipo de orientação para o entrevistado e também visavam atingir a naturalização do diálogo. Perguntou-se: “O que você acha da política e dos políticos?” e “Quem você acha que fica no lugar do Lula ano que vem?”. Posteriormente, as questões eram construídas livremente de modo a orientar as respostas aos objetivos da pesquisa. Assim, propôs-se obter os nomes dos pré-candidatos de forma espontânea, caso o entrevistado não citasse todos os nomes, eles seriam estimulados na entrevista. De acordo com as experiências relatadas pelos entrevistados, novas perguntas eram feitas, mas que não constavam do roteiro original.

A ida a campo ocorreu durante quatro dias do mês de novembro e algumas dificuldades foram encontradas. A primeira foi quanto ao desenvolvimento da entrevista. As respostas eram curtas, o que demandava um maior número de perguntas



para uma abordagem correta. O segundo problema estava no desconhecimento dos entrevistados acerca de alguns pré-candidatos. Isso dificultaria posteriormente a construção da imagem de cada um dos concorrentes. Por isso, em alguns bairros houve necessidade de um maior número de entrevistas. Outro problema estava em respeitar as proporções, já que os horários em que a pesquisa de campo foi realizada (período vespertino) favoreciam encontrar um número de mulheres muito maior do que o de homens. As entrevistas foram registradas manualmente, apenas escritas, e, posteriormente, digitalizadas preservando suas formas iniciais.

Contornadas as dificuldades e realizada a primeira etapa, chegou-se à segunda parte do trabalho. Essa parte consistiu em tentar construir a imagem de cada pré-candidato e do político em geral, compilando os dados obtidos na pesquisa de campo. Assim, foi redigido um texto de análise dos relatos sobre cada um dos pré-candidatos e outro texto analisando a visão dos entrevistados sobre o político em geral. Esse material favoreceu uma maior discussão sobre suas imagens, o que, posteriormente, culminou na terceira etapa do trabalho que foi a produção do presente artigo.

Dessa forma, criou-se a possibilidade de construir e analisar a idéia que os moradores da periferia de Goiânia têm sobre os pré-candidatos; fazer apontamentos sobre o próximo processo eleitoral; sobre a relação de cada eleitor com o atual governo, com os partidos menores e os de oposição; além de fazer uma breve comparação entre o político em geral e o ideal com tais pré-candidatos. Os resultados obtidos estão expostos a seguir.

4. A política e o político segundo a periferia

Como explicitado anteriormente, a metodologia utilizada nas entrevistas partia de uma questão genérica sobre a política e os políticos, o que forneceu material para construir, além da imagem dos pré-candidatos à Presidência, a imagem do político em geral, o perfil do candidato ideal e do bom governante. Os relatos obtidos nos três bairros demonstram que a grande maioria dos entrevistados tem uma imagem negativa do político e da política, sendo raríssimos os casos em que é feita uma dissociação valorativa desses dois conceitos.

Observou-se que muitos iniciavam a entrevista alegando não ter opinião a respeito, desconhecimento do assunto, falta de interesse e desgosto pelo tema. Mesmo dentre esses entrevistados foi possível extrair algum julgamento e critérios de avaliação.



Muitos que alegavam não saber nada de política demonstraram gostar de alguns políticos, caso em que o nome de Íris Rezende, prefeito de Goiânia, apareceu de forma sistemática, o que ocorreu também com o nome do presidente Lula. As razões dessa simpatia, embora pouco factuais, demonstravam uma preocupação geral com a qualidade de vida, com a situação econômica, com a ideologia do político e com a sua personalidade e valores pessoais.

A generalização dos políticos como corruptos e ladrões, e da política como ‘suja’, ‘uma vergonha’ e ‘uma roubalheira’ foi outro fato muito presente na pesquisa. *“Não sei quem é quem, só sei que só sabem roubar”* (homem, 24 anos, garçom).

No entanto, novamente, abrem-se brechas nas declarações iniciais, para que muitos destaquem algum político de que gostam e de quem reconhecem o trabalho. Nesse ponto, notou-se diversas vezes a aceitação do político corrupto, desonesto, mas que produz algum benefício ou melhoria para a população. *“Meu político preferido é o Íris. Sei que ele não é honesto, mas pelo menos melhora nossa vida”* (homem, 27 anos, motoboy).

Pouquíssimas pessoas entrevistadas fizeram uma relativização dos políticos, considerando que existam os bons e os maus. O mesmo ocorreu com o reconhecimento da política como um mecanismo social, raras vezes tomado como importante e desconectado dos políticos em si. Outro ponto que apareceu em menor escala nos relatos foi a obrigatoriedade do voto, caso em que foi citado com descaso e como a única ligação que o entrevistado tinha com a política. *“Nem adianta a gente ficar escolhendo muito, todos eles são iguais, então, hoje eu voto só pra salvar meu título”* (mulher, 68 anos, pensionista).

Em outros relatos, notou-se essa mesma condição, porém sem que o voto fosse citado como obrigatório, casos em que parecia ser encarado com mais naturalidade e, proporcionalmente, com menos importância.

“Simplesmente dou meu voto e pronto. Tenho pouca leitura, eu não gosto de futebol, de política, eu vivo comprando e pagando e pronto. A gente vota, mas só na hora que a gente sabe em quem” (homem, 68 anos, cabeleireiro).

O contraste que se verificou quanto à imagem da política e dos políticos com relação ao exposto até aqui, foram aqueles entrevistados que demonstraram maior interesse pelo assunto, menor polarização nas declarações e que chegavam a apontar os



problemas existentes e a fazer avaliações com argumentos factuais. Todos esses viam a política como importante, porém corrompida e deficiente, necessitando de mudanças. Declarações que criticavam o sistema político, a legislação e os eleitores foram exclusivas desse grupo de entrevistados.

Através dos relatos foi possível identificar os critérios que levavam o entrevistado a simpatizar com determinado candidato, e dessa forma, com um compilado geral, montou-se a figura do político ideal. A identificação e preocupação com o povo, os pobres e a área social é a primeira característica desse político, que também deve ser trabalhador, competente, deve mostrar serviço, a exemplo de casas, praças, asfalto, ajuda financeira, melhoria na qualidade de vida. As características da personalidade também se destacaram na construção dessa imagem. O político ideal é uma pessoa batalhadora, sábia, boa e corajosa, mas que também precisa ter carisma, força política e liderança. *“Eu acho que ele deveria pensar mais no povo e melhorar a vida. Mas parece que não tem político assim hoje”* (mulher, 19 anos, estudante).

5. A imagem dos pré-candidatos

5.1 José Serra

O governador de São Paulo foi reconhecido pela maioria dos entrevistados e muitos foram capazes de fazer alguma identificação do pré-candidato. A mais recorrente era seu atual cargo, do qual raramente foi feita alguma avaliação. A atuação no Ministério da Saúde também foi muito citada e é um dos principais fatores na construção da imagem do pré-candidato. O momento em que José Serra mais se aproxima da imagem do político ideal é quando é feita alguma avaliação de sua atuação no ministério, majoritariamente tida como boa, e pela qual é reconhecido como trabalhador, alguém que trouxe benefícios.

Muitos entrevistados chegaram a declarar a possibilidade de votarem em Serra. Os que demonstraram essa inclinação se dividem em dois grupos: aqueles que o têm como competente, experiente, e capaz; e aqueles que o vêem como única opção, pois: não gostam dos outros candidatos, ou não podem mais votar em Lula, ou não votariam no PT ou em Dilma e acham que ele até pode ser bom. Isso caracteriza uma simpatia muito frágil. *“Acho que o José Serra e o Geraldo Alckmin seriam bons, mas eu queria o terceiro mandato do Lula”* (mulher, 21 anos, desempregada).



A antipatia por José Serra também ocorreu de forma considerável. Três pontos se destacaram nas falas dos entrevistados que não gostam do pré-candidato: sua ligação a FHC e ao PSDB; ter sua imagem ligada à elite; representar um antagonismo a Lula. Estes três aspectos demonstram o afastamento de Serra do que seria o político ideal, ele não é visto como alguém preocupado e que se identifica com o povo.

“Não gosto do Serra, acho que ele agrega muito a imagem do FHC [...] Parece que os dois sempre repudiaram o Lula pelo fato dele não saber falar direito, mas quem no Brasil sabe não é?” (mulher, 33 anos, professora).

5.2 Dilma Roussef

A atual ministra da casa civil, Dilma Roussef, do PT, é o segundo pré-candidato mais conhecido, atrás de José Serra. O nível de desconhecimento foi menor que o de identificação da sua figura política em que prevaleceu a rejeição. O número de pessoas que opinaram negativamente a respeito de Dilma muito maior que o daqueles que votariam na pré-candidata.

Dentre os entrevistados que afirmaram que votariam em Dilma, nenhum demonstrou simpatia por sua imagem como política. Todos votariam na candidata do PT para que se desse continuidade ao governo Lula, o que demonstrou o grande poder de transferência de votos que o presidente Lula pode ter nas próximas eleições. As declarações desse grupo se dividem entre aquelas que fazem uma boa avaliação do governo, que consideram estar sendo bom para a população, e aquelas que se restringem à indicação de Lula como única razão para o voto. *“Outra que também votaria era Dilma pra dar continuidade no governo que até tem feito coisas boas pra população”* (mulher, 42 anos, psicóloga).

“Não a conheço muito bem. Sei o que vi no jornal, sei que ela é ministra, mas não sei bem o que o cargo dela deve fazer. Mas se o Lula indica, eu voto nela até de olhos fechados” (homem, 44 anos, funileiro).

A imagem negativa que a maioria dos entrevistados tem de Dilma, diferentemente da imagem daqueles que votariam nela, está relacionada à sua personalidade e jeito de ser, sem levar em conta sua atuação no cargo e participação no governo. A pré-candidata aparece como uma mulher dura, sem carisma e arrogante.



Alguns entrevistados caracterizam-na como masculinizada. Nesse grupo de pessoas, a rejeição à imagem de Dilma é forte e independe do Lula e dos outros pré-candidatos. *“Ela é sem expressão. Sei lá! Falta carisma. Tem um jeito muito Maria Machado e não precisava disso”* (mulher, 58 anos, lojista).

“Dessa daí eu não gosto de jeito nenhum. Metida a besta demais, se acha muito e fica caçando encrenca com todo mundo” (mulher, 68 anos, pensionista).

Outro grupo de rejeição à Dilma é composto por aqueles que vêm de forma negativa o papel que ela está cumprindo de suceder Lula e por aqueles que a desassocia de Lula e do PT. Esses entrevistados avaliaram-na como sem competência, sem experiência além de não a verem como política. Ela é colocada como inferior a Lula, e fraca perante os outros pré-candidatos. *“Acho que ela não tem competência pra administrar uma nação, não tem experiência. Eu voto na pessoa, não voto no partido não”* (homem, 50 anos, autônomo).

5.3 **Ciro Gomes**

Ciro Gomes foi o terceiro pré-candidato mais reconhecido na pesquisa, embora possa ser classificado muito próximo dos dois que o seguem, Marina Silva e Aécio Neves, que obtiveram níveis de desconhecimento similares. Giro Gomes, porém, fica a frente por ser um nome do qual muitos já ouviram falar, embora não identifiquem com precisão quem ele seja. Nesse sentido foram marcantes declarações quanto à sua candidatura nas eleições de 2002 e quanto à sua participação no governo Lula.

Um fato interessante ocorreu isoladamente em um dos setores, o Jardim Mariliza, em que a relação conjugal do político com a atriz da Rede Globo, Patrícia Pilar, em muitos relatos, se sobressaía a qualquer outro fato de sua carreira ou característica de sua imagem pública. Outro aspecto destacado esporadicamente foi a aproximação da imagem de Giro Gomes a Fernando Collor. Alguns entrevistados lembravam o momento das eleições de 2002 em que, segundo eles, se dizia que Giro seria o novo Collor.

A participação do pré-candidato no governo Lula se mostrou uma ‘faca de dois gumes’ na construção de sua imagem para o eleitor. Enquanto alguns o têm em boa avaliação devido à sua aliança com Lula, chegando a afirmar que lhe dariam o voto por isso, outros, a maior parte, o vêm como oportunista e incoerente, uma vez que disputara anteriormente contra Lula.



A imagem de Ciro Gomes é muito fraca no conhecimento que os entrevistados têm da política. *“Muitos anos que não ouço falar dele”* (mulher, 19 anos, costureira). Nem antipatia nem simpatia chegam a se mostrar claras nos relatos. Um número pequeno de pessoas o caracteriza como ‘bom’ ou ‘legal’ sem fundamentar essa opinião, assim como outros o tomam como ‘fraco’, ‘inexpressivo’. *“Não votei nele, votei no Lula mesmo”* (mulher, 39 anos, lojista). *“Ouvi falar desse doidão, eu não voto nele não”* (homem, 24 anos, garçom).

5.4 Marina Silva

A senadora Marina Silva foi outra pré-candidata abordada nas entrevistas. O desconhecimento de quem seja a candidata e da sua provável candidatura à Presidência foi alto, e muitos entrevistados afirmaram não conhecer Marina Silva. No entanto, entre aqueles que a conheciam, a maioria emitia uma opinião a seu respeito, quase não houve declarações que reconheçam o nome sem identificar sua pessoa.

Quando se iniciava o assunto da sucessão presidencial o nome de Marina Silva surgiu espontaneamente por diversas vezes, aqueles que citavam outros candidatos geralmente também citavam a sua candidatura, o que se demonstrou um contraste ao seu alto nível de desconhecimento. Isso nos permitiu concluir que aqueles que acompanham ou se informaram sobre as eleições do ano que vem, conhecem e souberam da pré-candidatura de Marina.

Os relatos a respeito da candidata são, na grande maioria, uma mistura de simpatia e pesar. Muitos declararam simpatia por Marina Silva, reconhecendo-a como trabalhadora, batalhadora, coerente, afirmando desejar que ela ganhasse. Porém, ao mesmo tempo, grande parte desses entrevistados achava que ela não ganharia por não ter força, por seu partido ser pequeno, por não ser reconhecida. Raras foram as vezes em que a simpatia pela candidata e a sua fraqueza política apareceram separadamente, porém havendo ocorrência dos dois tipos de declaração. *“Ela não vai ser aceita, mas gosto dela, vejo como uma pessoa batalhadora”* (homem, 68 anos, aposentado).

“Eu gosto muito da Marina Silva, e ela é quase certeza que se candidata. Eu queria muito que ela ganhasse, mas eu acho que o partido dela não tem força suficiente pra ganhar dos outros” (mulher, 25 anos, lojista).



5.5 Aécio Neves

O governador de Minas Gerais, Aécio Neves, foi mais um pré-candidato com grande nível de desconhecimento, o que resultou numa construção fragmentada de sua imagem. Entre aqueles que identificaram Aécio Neves, a grande maioria citou o cargo que ele exerce atualmente, do qual faziam uma boa avaliação, embora não vivenciassem os benefícios do seu trabalho e formassem essa opinião através de parentes que vivem em Minas.

A juventude do candidato apareceu em diversos relatos, e vinha ora vista como um fator positivo que lhe conferia a simpatia dos entrevistados, e ora como um ponto negativo, quando o avaliavam como imaturo, inexperiente, sem força. Algumas pessoas simpatizam com o pré-candidato, mas não vêem esse momento como o ideal para que se torne presidente, deixando essa possibilidade para o futuro.

Verificou-se também a associação do candidato ao seu avô Tancredo Neves. Embora não tenha sido um fato muito relatado, ocorreu algumas vezes. Em todas as vezes, essa relação foi apontada como positiva e fortalecia a imagem de Aécio Neves, sempre apareciam boas avaliações de Tancredo. A conexão do pré-candidato ao seu partido foi ocasional e sempre trazia também os nomes de FHC e José Serra, quando eram citados negativamente como ‘farinha do mesmo saco’. *“O Aécio mais pra frente pode ser presidente, mas não agora, acho que ele não tem força pra competir com a Dilma”* (homem, 60 anos, marceneiro).

“É um nome forte de Minas Gerais. Já ouvi falar coisas boas, acho que é um bom nome. Mas não lembro das coisas dele, só ouvi que faz bem” (mulher, 23 anos, estudante universitária).

6. Conclusão

O trabalho de pesquisa realizado nos permitiu identificar diversas características do posicionamento político dos entrevistados e da população que eles representam. O ponto mais significativo nesse aspecto é a distância existente entre a política nacional e a periferia. O desconhecimento dos políticos em escala nacional, da dinâmica política brasileira e da atuação dos mandatários federais foi marcante, embora também se mostre muito forte o apoio ao Presidente da República, que muitas vezes é fortalecido informalmente, pelo boca a boca.



Quanto ao objetivo do trabalho, a construção da imagem dos pré-candidatos a presidência, ainda que tenha sido fragmentada em alguns casos, devido ao nível de desconhecimento de certos candidatos, ela representa a realidade encontrada nos bairros pesquisados. O que se pode dizer é que José Serra é o mais conhecido entre os pré-candidatos, e seu nível de rejeição e simpatia ficaram praticamente no mesmo nível. Serra possui algumas características do bom político, segundo o ideal aqui construído para a periferia, como competência, força e capacidade de ação. No entanto, os entrevistados não vêm nele identificação com as camadas mais pobres, o que o afasta de um dos mais fortes requisitos do político ideal para a periferia.

A figura de Lula pesa muito na antipatia existente por Serra, o que nos permite dizer, em contrapartida, que pode influenciar as opiniões a respeito de Dilma Rousseff, que se mostrou como a segunda pré-candidata mais reconhecida, embora com alto nível de rejeição. A pré-candidata foi muito pouco caracterizada nas entrevistas, de forma que sua aproximação com o político ideal se torna inviável. Observa-se, porém, que sua proximidade com Lula transfere-lhe alguns valores dele. Assim, muitos depositam em sua eleição a esperança da continuidade dos benefícios sociais que vêm no governo Lula. A “dureza” da candidata a torna sem carisma e arrogante aos olhos dos entrevistados, o que não lhe permite a identificação com o eleitor e ofusca outras características que a aproximariam da imagem do político ideal.

Os outros pré-candidatos, Marina Silva, Ciro Gomes e Aécio Neves, não foram reconhecidos pela maioria dos entrevistados e as avaliações feitas sobre eles são pouco embasadas, mas demonstraram: uma grande simpatia pela figura de Marina Silva, que se aproxima do ideal como uma pessoa boa, batalhadora e corajosa, mas fraca politicamente; boa vontade para com Aécio Neves, visto como trabalhador e forte, mas, às vezes, como imaturo, o que o afasta do político ideal que deve ser sábio; e, finalmente, indiferença com relação a Ciro Gomes, que não tem boas características reconhecidas e que, no caso das más avaliações, é mostrado como alguém de pouco caráter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Marcelo Bolshaw; *“Hermenêutica, Teoria Política e Imagem Pública”*. Salvador: I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 2006



GOMES, Wilson. “*Transformações da Política na Era da Comunicação de Massas*”. São Paulo: Paulus, 2004

WEBER, Maria Helena. A Imagem Pública. 2004. In: GOMES, Marcelo Bolshaw; *Hermenêutica, Teoria Política e Imagem Pública*. Salvador: I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, 2006